

Um olhar sobre o significado do slogan da escola de formação de oficiais: “aqui se forja o caráter do miliciano”

A look at the meaning of the slogan of the officer training school: “here the military character is forged”

DOI:10.34117/bjdv9n3-065

Recebimento dos originais: 10/02/2023

Aceitação para publicação: 08/03/2023

Cláudia Ferreira da Silva Cesconetto

Capitã da Polícia Militar do Paraná, Pós-graduado em Gestão e Planejamento em Políticas Públicas para Segurança Pública pela Universidade Tuiuti do Paraná

Instituição: Polícia Militar do Paraná

Endereço: Av Mal Floriano Peixoto, 1401, Rebouças, Curitiba - PR

E-mail: claudia.cesconetto@gmail.com

RESUMO

A Escola de Formação de Oficiais – EsFO da Academia Polícia Militar do Guatupê – APMG é responsável pela formação dos oficiais da Polícia Militar do Paraná – PMPR. No prédio da EsFO denominado Bloco III, localizado na APMG, destinado a permanência dos cadetes, encontra-se inscrito o slogan da EsFO: “aqui se forja o caráter do miliciano”. O slogan foi criado por volta de 1985, pelo Coronel PM Mario Picetskei, à época subcomandante da APMG. A autoria do instigante slogan permaneceu anônima, sendo desvelada por meio de conversas informais no decorrer da presente pesquisa. Este estudo pretende apresentar um olhar sobre o significado do slogan sob o viés das ciências humanas filosofia e psicologia. Trata-se de uma pesquisa de enfoque qualitativo, com estudo descritivo. A pesquisa bibliográfica foi realizada por intermédio de revisão sistemática e delimitação dos principais conceitos usados no slogan, especialmente o de caráter sob o viés da filosofia e psicologia. As conclusões apontam para uma quase incontornável fixidez de caráter encontrada no pensamento de Aristóteles e um duplo caráter na visão do filósofo Kant passível de ser influenciado somente pela via do imperativo categórico da moralidade, desde que em harmonia com a lei universal da necessidade universal da natureza. Em psicologia o caráter foi investigado a partir das bases teóricas de três abordagens consideradas as primeiras forças em psicologia científica: a psicanálise, o behaviorismo e a psicologia humanista. Nas raízes teóricas da psicologia natural de Freud se desvela um inconsciente intransponível por vias comuns, que determina o caráter, ao passo que a vertente behaviorista afirma a inexistência da personalidade. A psicologia humanista de Husserl por sua vez apresenta uma visão moderna de caráter, dinâmico, fundamentado sob a concepção de um Eu em constante atualização, que inaugura na fenomenologia o conceito de *Dasein* de Heidegger, o ser-aí para o encontro com o mundo, sem qualquer determinação. Este ser-no-mundo, desprovido de sentido prévio, possui a tarefa de ser ele mesmo em um mundo em realização.

Palavras-chave: caráter, filosofia, psicologia, ciências policiais, Polícia Militar do Paraná.

ABSTRACT

The Officer Training School – EsFO of the Military Police Academy of Guatupê – APMG is responsible for training officers of the Military Police of Paraná – PMPR. In the EsFO building called Bloco III, located in APMG, intended for the permanence of cadets, the EsFO slogan is inscribed: “here the character of the militiaman is forged”. The slogan was created around 1985 by Colonel PM Mario Picetskei, at the time deputy commander of the APMG. The authorship of the thought-provoking slogan remained anonymous, being revealed through informal conversations during the course of this research. This study aims to present a look at the meaning of the slogan from the perspective of human sciences, philosophy and psychology. This is a research with a qualitative focus, with a descriptive study. The bibliographical research was carried out through a systematic review and delimitation of the main concepts used in the slogan, especially that of character under the bias of philosophy and psychology. The conclusions point to an almost unavoidable fixity of character found in Aristotle's thought and a double character in the view of the philosopher Kant that can only be influenced by the categorical imperative of morality, provided that it is in harmony with the universal law of the universal necessity of nature. . In psychology, character was investigated from the theoretical bases of three approaches considered the first forces in scientific psychology: psychoanalysis, behaviorism and humanistic psychology. In the theoretical roots of Freud's natural psychology, an unconscious that is insurmountable by common paths is revealed, which determines the character, while the behaviorist strand affirms the inexistence of the personality. Hussearl's humanist psychology, in turn, presents a modern, dynamic vision of character, based on the conception of an I in constant updating, which inaugurates in phenomenology Heidegger's concept of Dasein, the being-there for the encounter with the world, without any determination. This being-in-the-world, devoid of prior meaning, has the task of being itself in a world in progress.

Keywords: character, philosophy, psychology, police science, Paraná Military Police.

1 INTRODUÇÃO

O slogan da Escola de Formação de Oficiais – EsFO “aqui se forja o caráter do miliciano” encontra-se inscrito no Bloco III da Academia Policial Militar do Guatupê – APMG da Polícia Militar do Paraná – PMPR. O slogan pode ser a primeira mensagem lida pelo calouro do Curso de Formação de Oficiais – CFO que ingressa na PMPR como cadete e passa a integrar a EsFO. Ao final do período de formação, que tem a duração de três anos, se alcançar aprovação em todas as disciplinas, e mantiver uma conduta condizente com os regulamentos e normas legalmente instituídas, será declarado aspirante a oficial da PMPR.

Não existe registro histórico formalizado sobre a data de inscrição e autoria do slogan, essas informações permaneceram no anonimato até serem desveladas por meio

de conversas informais no decorrer dessa pesquisa. Seu autor é o Coronel PM da Reserva Renumerada Mario Picetskei¹ que criou o slogan por volta de 1985 (informação verbal).

O slogan da EsFO é conciso, impactante e ao mesmo tempo remete a uma certa rigidez. Nele há um sentido oculto, instigante, quase ameaçador e que pode gerar ansiedade pela expectativa de experimentar mudanças, que ao pretenderem forjar, sepultam uma parte do Eu. Certamente é causa de reflexão, cedo ou tarde será reparado ou recordado, apreciado ou temido, ao sentir-se na pele o seu significado.

Nesse sentido o presente artigo busca responder a seguinte pergunta: Qual o significado do slogan “aqui se forja o caráter do miliciano”? A hipótese de pesquisa parte da premissa de que durante os três anos de formação o cadete tem o seu caráter forjado para o exercício da função de oficial da polícia militar do Paraná. O objetivo geral deste artigo é clarificar o significado do termo e de forma específica investigar como ocorre a formação do caráter e como pode ser forjado na perspectiva da filosofia e da psicologia.

Nessa perspectiva a pesquisa é justificada pela importância social do tema, pois a EsFO é o local de formação dos oficiais da PMPR, instituição de fundamental importância para a sociedade e Estado, e do papel que os oficiais desempenham nas diversas frentes de atuação em que se dá a prática do oficialato, entre os quais destaca-se o próprio comando da corporação. Compreender o significado do slogan pode possibilitar a identificação da sua pertinência com os valores e objetivos da EsFO, bem como se há coerência com o processo de formação planejado e empreendido.

Trata-se de uma pesquisa original de enfoque qualitativo, com estudo descritivo. Esta modalidade de pesquisa busca ampliar o conhecimento sobre um fenômeno (MARCONI, 2017). No campo acadêmico nacional esta pesquisa é precursora, uma vez que não foram localizados em portais científicos estudos com o objetivo de ampliar a compreensão sobre o sentido do slogan da EsFO nem tampouco buscar quaisquer correlações e/ou fundamentação nas ciências humanas.

Para o alcance dos objetivos do presente estudo, este artigo foi dividido em cinco seções. A primeira seção destinou-se a introdução, contemplando contextualização, estado da arte, objetivo geral e específico, hipótese a ser pesquisada e justificativa. A segunda seção apresenta um breve histórico da Escola de Formação de Oficiais – EsFO, o que é um slogan, a tentativa de delimitação dos conceitos empregados no slogan, o

¹PICETSKEI, M. Relato sobre a criação do slogan “aqui se forja o caráter do miliciano”. Curitiba, 2023. (anotação de conversa)

significado do caráter para Aristóteles e Kant, o caráter como aspecto da personalidade na perspectiva de três abordagens da Psicologia (Psicanálise Freudiana, Behaviorismo e Psicologia Humanista). A terceira seção apresenta a metodologia usada neste artigo. Na quarta seção foi realizada a análise e discussão de pergunta: é possível forjar o caráter de uma pessoa. A quinta seção contempla as considerações finais.

2 REVISÃO DE LITERATURA

2.1 BREVE HISTÓRICO DA ESCOLA DE FORMAÇÃO DE OFICIAIS

A Escola de Formação de Oficiais – EsFO tem o início de sua história contada com a história da Academia Policial Militar do Guatupê – APMG. A primeira estrutura de ensino da Polícia Militar do Paraná foi o Centro de Preparação Militar criado em 1931 e sediado junto ao Quartel do Comando-Geral da Polícia Militar no bairro Rebouças da capital do Paraná. Na época os oficiais da corporação eram formados no Centro de Preparação de Oficiais da Reserva – CPOR, do Exército Brasileiro (AZEVEDO, s.d.).

Em 27 de fevereiro de 1950, o Governador do Estado do Paraná, Moysés Lupion, sancionou o Decreto n 10.649, que aprovou o Regulamento de Funcionamento do Curso de Formação de Oficiais Combatentes - CFOC da Polícia Militar do Paraná. No ano seguinte, em 28 de fevereiro, no então Centro de Preparação Militar, foi divulgado o resultado do 1º concurso de candidatos ao 1º ano do CFOC (AZEVEDO, s.d.).

Em 8 de março de 1971 foi inaugurada a sede da Academia Policial Militar do Guatupê em São José dos Pinhais. No ano de 1982 o curso de Formação de Oficiais foi reconhecido pelo Conselho Federal de Educação como curso de nível superior (PARANÁ, 2016).

Por meio de conversas informais no decorrer da presente pesquisa foi identificado o autor do slogan, Coronel PM da Reserva Renumerada Mario Picetskei² (2023), ele criou a frase por volta de 1985. Conforme seu relato, na época houve um concurso interno com a participação dos oficiais lotados na APMG, que por solicitação do então comandante a época Coronel Darci Cooper, elaboraram propostas de frases para serem inscritas nos três blocos existentes na APMG. O Coronel Mario Picetskei, a época subcomandante da APMG, formado em letras, apreciava a leitura e participou criando uma frase curta com amplo sentido, capaz de levar a uma reflexão. A palavra forja foi usada no sentido de

²PICETSKEI, M. Relato sobre a criação do slogan “aqui se forja o caráter do miliciano”. Curitiba, 2023. (anotação de conversa)

preparação, pela rigidez no sentido de estar em uma fornalha ardente. A palavra caráter, conforme relatou, foi usada pela importância do caráter para o militar. Alguns dias depois, em uma reunião, as frases propostas foram escritas em um quadro para eleição das melhores. Na ocasião foram eleitos slogans para os três blocos da APMG. Para o bloco I destinado as praças foi escolhida a frase: “Sentinelas avançadas da ordem pública” e para o bloco II destinado aos oficiais-alunos foi preferida a frase: “berço de líderes”. Para o bloco III da EsFO foi eleita a frase: “aqui se forja o caráter do miliciano” de autoria do então Coronel Mario Picetskei (informação verbal).

No próximo item será apresentada uma breve exposição sobre o conceito de slogan, origem e características comuns a essas sentenças e que também podem ser observadas no slogan da EsFO.

2.2 O QUE É UM SLOGAN

A frase “Aqui se forja o caráter do miliciano” encontra-se registrada na parede do Bloco III, de frente para o pátio da APMG, onde geralmente são recepcionados os cadetes que ingressam no curso de formação de oficiais e passam a realizar, como integrantes da EsFO, a formatura diária no início do expediente, que consiste na conferência do efetivo, apresentação ao policial militar mais antigo presente e hasteamento da bandeira nacional.

O termo slogan tem origem na expressão escocesa “*sluagh-ghairm*” quer dizer “grito de guerra de um clã”. Slogan é uma frase ou sentença breve, concisa, marcante e expressiva que impacta e pode incidir sobre a forma de pensar e agir (IASBECK, 2002).

Geralmente os slogans são anônimos e polêmicos, de fácil repetição e memorização, principalmente por serem concisos. A concisão é marcante e é um atributo que além de tornar o slogan agradável permite “dissimular o argumento que o torna persuasivo, agir por aquilo que não diz [...]” (REBOUL, 1975, p. 152). Quando está implícito, esse argumento torna possível uma reflexão introspectiva mediante uma linguagem mental própria.

O slogan da EsFO parece conter um sentido pedagógico a indicar um estado de estar em preparação, no “molde”. O termo forja denota rigidez e instiga a reflexão, pelo significado de forjar, em analogia ao estado do metal que é duro, inflexível. O uso do termo caráter parece indicar envolvimento, engajamento com a formação, em uma imersão total do ser no universo militar. Segundo Reboul (1975, p. 108) “os slogans pedagógicos são ideológicos, no sentido de que são espontâneos, duráveis e que

justificam uma prática coletiva. São slogans, porque a verdade que enunciam é sumária, tão dogmática quanto ambígua e porque são autodissimuladores”.

O slogan aponta para o futuro, para o devir, parece remeter às práticas e instruções militares desenvolvidas ao longo do processo de formação. Pode despertar ansiedade e apreensão, pela expectativa da necessidade de superação de limites, pela incerteza diante da falibilidade humana e pelas condições e abstenções que implicam as necessidades, ideais e sonhos de cada sujeito durante o período de formação.

Procurou-se nesse item, ousadamente, a partir da exposição de atributos presentes na conceituação geral de slogan, apontar um significado empírico capaz de ser capturado do conjunto de termos usados no slogan da EsFO. No próximo item serão explorados os conceitos que compõem o slogan na tentativa de analisar sentidos presentes nos mesmos.

2.3 TENTATIVA DE DELIMITAÇÃO DOS CONCEITOS

O dicionário apresenta o seguinte conceito para a palavra forja: “1. Oficina ou local onde se trabalha o metal ou onde trabalha o ferreiro. = ferraria. [...] 4. [Figurado] Imaginação, preparação” (Forja, 2023).

A forja é realizada pelo ferreiro, que executa a forja de metais no fogo, que são moldados para se transformarem em certos objetos. Mas em sentido figurado estar na forja indica estar em preparação. Imaginação parece indicar o vir a ser no futuro, o que será depois de se ter forjado.

Cumpram-se ainda destacar sobre o sentido gramatical do slogan, principalmente com relação ao uso do verbo forjar. O verbo da frase está no presente do indicativo (forja), na terceira pessoa do singular. A partícula “se” (apassivadora do sujeito) foi empregada antes do verbo, pois a próclise assim o exige, em razão do uso do advérbio “aqui”. No caso em tela, o agente da passiva (aquele que pratica a ação) não está determinado; e o sujeito (o caráter do miliciano) é quem recebe a ação, em vez de praticá-la. Ou seja, não é dito quem realiza a forja. O caráter do miliciano é que recebe a ação de ser forjado. Quando ocorre essa relação de passividade entre o verbo e o sujeito, o pronome “se” equivale ao verbo ser: “O caráter do miliciano é forjado aqui” (MAZZAROTTO et al, 2010).

No mesmo dicionário caráter é definido como: “1. O que faz com que os entes ou objetos se distingam entre os outros da sua espécie. 2. Marca, cunho, impressão. 3. Propriedade. 4. Qualidade distintiva. 5. Índole, gênio. 6. Firmeza. 7. Dignidade [...]” (Caráter, 2023).

Caráter no sentido de marca, impressão é definido como algo que distingue ou diferencia entes ou objetos. Como qualidade distintiva designa qualidades atribuídas a certas pessoas em razão das atitudes e ações adotadas. Índole e gênio se confundem com personalidade e temperamento. Já os termos firmeza e dignidade parecem indicar uma conotação moral.

Ao pesquisar a palavra tipo, caráter aparece entre uma de suas definições. Outras definições: imagem, marca e modelo. De modo semelhante a palavra personalidade é definida como caráter ou qualidades próprias da pessoa. Caráter também é encontrado entre as definições de temperamento.

O médico grego Hipócrates associava o caráter a doutrina dos temperamentos segundo a qual o corpo humano é composto por quatro humores (sangue, fleuma, bílis e atrabílis). Contudo, nesse caso o emprego do caráter é tão somente no sentido de tipo (BASTOS,1997).

A palavra personalidade origina-se do latim *persona* que se refere a máscara utilizada por atores em suas atuações. Refere-se a aparência que mostramos em público, ao que é visível e pode ser observado por outros, causando uma impressão sobre nós. Vai além das qualidades físicas, alcançando as qualidades sociais e emocionais que podem permanecer ocultas (SCHULTZ, 2015).

Mira y Lopes (1943) assegura que não há como estudar o caráter sem nos atermos a personalidade, pois o caráter é um dos três aspectos integrantes da personalidade. Os outros dois são a constituição corporal e o temperamento.

Como podemos constatar o termo caráter é usado para definir muitas coisas e confunde-se com temperamento, tipo e personalidade. Alguns conceitos podem ajudar a desmistificar o sentido de cada termo:

Segundo Dalgarrondo (2019, pp. 494-495):

O caráter resultaria do temperamento moldado, modificado e inserido no meio familiar e sociocultural. O termo “caráter”, portanto, diz respeito aos aspectos mais especificamente psicológicos da personalidade. O temperamento não deve ser confundido com o caráter, pois seria algo básico e constitutivo do indivíduo, ao passo que o caráter se traduz pelo tipo de reação predominante da pessoa ante diversas situações e estímulos do ambiente.

Sennett (2015, p. 17) afirma que “o caráter de alguém depende de suas ligações com o mundo. Neste sentido, ”caráter” é um termo mais abrangente que seu rebento mais

moderno “personalidade”, pois este se refere a desejos e sentimentos que podem apostemar por dentro, sem que ninguém veja”.

A personalidade é definida por Bastos (1997, p. 50) de modo bastante esclarecedor:

[...] conjunto integrado de traços psíquicos; consistindo no total das características individuais, em sua relação com o meio, incluindo todos os fatores físicos, biológicos, psíquicos e socioculturais de sua formação, conjugando tendências inatas e experiências adquiridas no curso de sua existência. Sua estrutura, portanto, mostra-se essencialmente dinâmica, podendo ser mutável — sem ser necessariamente instável — e encontrar-se em constante desenvolvimento.

A partir dos conceitos expostos, podemos inferir que o temperamento está presente desde o nascimento, é constitutivo do indivíduo. Já o caráter consiste em um aspecto resultante da adaptação ante o temperamento e a experiência, em resposta ao ambiente, parece possuir uma certa estabilidade que se manifesta nas reações frente às circunstâncias da vida. A personalidade, por sua vez, parece ser resultado da integração do caráter e do temperamento.

Nas próximas seções serão apresentados outros conceitos sobre caráter, na visão da filosofia e em seguida da psicologia, esta principalmente no item 2.6 ao ser abordado o caráter em conjunto com a personalidade.

2.4 O CARÁTER PARA ARISTÓTELES

Na obra *Ética a Nicômaco* (1991), Aristóteles atribui importância ao hábito como fator que interfere na formação do caráter.

Para o filósofo grego a *Ética* se ocupa em delimitar o que é a felicidade: “é uma atividade da alma conforme a virtude perfeita” (ARISTÓTELES, 1991, p. 26). A virtude se divide em duas espécies: intelectuais e morais. A virtude moral é uma disposição de caráter. Ao se referir ao caráter de um homem não se diz que ele é sábio ou que possui entendimento, mas que é calmo ou temperante. O sábio deve ser louvado pelo hábito. Os hábitos dignos de louvor são chamados de virtudes.

Aristóteles confere rigidez as disposições adquiridas pelo hábito, se referindo ao caráter:

Numa palavra: as diferenças de caráter nascem de atividades semelhantes. É preciso, pois, atentar para a qualidade dos atos que praticamos, porquanto da sua diferença se pode aquilatar a diferença de caracteres. E não é coisa de somenos que desde a nossa juventude nos habituemos desta ou daquela

maneira. Tem, pelo contrário, imensa importância, ou melhor: tudo depende disso (ARISTÓTELES, 1991, p. 30).

O caráter é forjado ao se praticar as ações, por isso se relaciona a qualidade dessas ações, ou seja, ações virtuosas ensejarão um caráter correspondente. A virtude é intencional e a mais permanente das funções humanas, ela resulta do esforço e se consolida continuamente no caráter por meio das ações virtuosas. Estas por sua vez residem na mediania, no meio termo entre o excesso e a falta. Quanto mais virtudes forem desenvolvidas maior o potencial para surgir novas e para a atualização das existentes. Desse modo pode-se afirmar que o hábito promove a prática de atos virtuosos, através da força em persistir nessa prática (AMBROSINI, 2020).

Aristóteles diferencia entre escolha e ação voluntária. Atos voluntários são praticados conforme o impulso momentâneo. Mas a escolha se relaciona aos meios e com o que está ao alcance escolher, mas não com o desejo. (AMBROSINI, 2020).

Sobre o homem bom, Aristóteles afirma que ele consegue identificar seus fins, embora cada caráter seja autêntico quanto ao juízo sobre o nobre e o agradável, o que o diferencia dos outros é saber identificar a verdade em cada classe de coisas. Ele também atribui a responsabilidade da virtude ao homem pois depende dele agir ou não agir de modo a tornar-se virtuoso.

Nesse aspecto Ambrosini (2020) identifica um conflito pois se por um lado, segundo Aristóteles (1991) o homem tem o poder de realizar as escolhas dos meios, por outro também afirma que o “caráter do indivíduo condiciona a sua possibilidade de ser ou não virtuoso” (AMBROSINI, 2020, p. 4). De tal modo esse ponto de vista parece indicar que há uma determinação da escolha, pois se o hábito molda a disposição ao ponto de excluir a possibilidade de decisão em sentido contrário, ficaria então estabelecido o determinismo? E, ainda, quanto a possibilidade de responsabilização pelas ações, a questão que se coloca é se ficaria impossibilitada, uma vez que trata-se de um agir determinado pelo caráter virtuoso, que só pode agir de uma certa forma (AMBROSINI, 2020).

Existem diferentes interpretações entre autores sobre o alcance desse aparente conflito. Harry Frankfurt *apud* Hobuss (2012) entende não haver conflito entre o determinismo e responsabilidade, pois há responsabilidade moral independentemente se a vontade foi ou não livre. Para ele não existe a possibilidade de mudança no modo de agir depois de instaurado um certo conjunto de crenças.

Para Hobuss (2012) o fato de se estabelecer uma fixidez que impediria o agir de outra forma não deve ser encarado como um drama pois ainda que o caráter possua certa estabilidade, não é incontornável. O autor concorda que há necessidade de hábitos constantes para que certa disposição de caráter permaneça consolidada, porém descarta o determinismo imutável de um caráter, seja ele virtuoso ou vicioso.

No mesmo sentido Siqueira (2004) realiza uma análise comparativa entre três analogias feitas em *Ética a Nicômaco* (ARISTÓTELES, 1991, p. 57), quando o filósofo grego se refere a voluntariedade do caráter:

Mas quando, sem ser ignorante, um homem faz coisas que o tornarão injusto, ele será injusto voluntariamente. Daí não se segue, porém, que, se assim desejar, deixará de ser injusto e se tornará justo. Porque tampouco o que está enfermo se cura nessas condições. Podemos supor o caso de um homem que seja enfermo voluntariamente, por viver na incontinência e desobedecer aos seus médicos. Nesse caso, a princípio dependia dele o não ser doente, mas agora que não sucede assim, porquanto virou as costas à sua oportunidade – tal como para quem arremessou uma pedra já não é possível recuperá-la; e, contudo, estava em seu poder o não arremessar, visto que o princípio motor se encontrava nele. O mesmo sucede com o injusto e o intemperante: a princípio dependia deles não se tornarem homens dessa espécie, de modo que é por sua vontade que são injustos e intemperantes; e agora que se tornaram tais, não lhes é possível ser diferentes.

Ao observar o texto, principalmente a última frase, pode-se concluir que é imutável a condição do homem que se torne injusto. Contudo ao ler o texto atentamente pode-se perceber duas questões a serem consideradas: 1. A do homem que fica enfermo voluntariamente, ele não será curado simplesmente por desejar, mas terá que passar pelo processo de cura, que pode ser lento e custoso. Desse fato pode-se fazer a analogia com o caráter, uma vez que o homem que se torne injusto não mudará simplesmente por desejar, pois o modo de agir estará enraizado em sua personalidade; 2. A pedra que foi arremessada e não é possível recuperá-la, essa analogia é semelhante a anterior, ou seja, a pedra foi arremessada voluntariamente. Certamente não é possível retornar o ato de arremesso executado, contudo existe uma alternativa, mais custosa, porém exequível: ir até o local para onde ela foi lançada e procurar recuperá-la (SIQUEIRA, 2004).

O ponto de vista sobre a possibilidade de reversão do caráter é possível graças à intencionalidade expressa de Aristóteles em relacionar os fatos sob a forma de analogia. Pois em nenhum momento fala que a enfermidade acometida é incurável. Dessa forma pode-se concluir que “a reversão de uma disposição viciosa do caráter é possível, ainda que para tanto seja necessário um esforço que vai bem além do mero desejo do indivíduo” (SIQUEIRA, 2004, p. 108).

Nesta discussão pode se incluir a contribuição de Zingano (2008) que aponta uma hipótese que pode clarificar a questão do determinismo do caráter. Ele afirma ser tão somente um “embaraço” e sugere que houve um drama, no qual Aristóteles apresenta o molde da fixidez do caráter: “a impossibilidade de uma disposição engendrar uma disposição contrária explicita, de modo dramático, o contorno [um artifício aristotélico] que deve moldar, devido a seu papel central, esta $\xi\sim^3$, delineando sua aparente, mas não irreversível, fixidez” (ZINGANO, 2008, p.11).

Aristóteles quis enfatizar a fixidez do caráter e as analogias usadas serviram para contornar a questão que desejava expressar de maneira cautelosa. Elas foram expostas de tal forma que somente ao proceder as devidas comparações é possível extrair o significado implícito de que se trata de uma fixidez contornável.

Na próxima seção será apresentada a concepção de caráter para o filósofo Immanuel Kant, principalmente a partir da obra *Crítica da razão pura*, lançada em 1781.

2.5 O CARÁTER EM KANT

O homem, segundo Kant, possui caráter duplo e cada ação possui dupla causalidade que pode ser considerada sob dois pontos de vista: “o caráter sensível”, enquanto observável através dos fenômenos (experiência sensível) e segundo as leis da natureza; e o “inteligível”, que é causa dos seus atos, enquanto fenômenos, quer dizer livre. Mediante o caráter empírico a ação segue as leis da natureza e o curso dos fenômenos. No caráter inteligível a ação decorre de uma atitude espontânea, “fruto da espontaneidade de um sujeito capaz de auto-determinar-se, como tal, independe de todas as condições da sensibilidade (espaço e tempo)” (PECORARI, 2010, pp. 47-48). Os caracteres podem causar o mesmo efeito ao mesmo tempo.

O caráter inteligível refere-se à causalidade livre, que só existe no mundo inteligível, ou seja, é um “em si”. As ações do homem não podem ser atribuídas a receptividade da sensibilidade. Ele é um fenômeno, mas também objeto meramente inteligível, dotado de entendimento e razão (KANT, 2001).

A vontade independe dos estímulos sensíveis e a racionalidade é o vetor da decisão, ou seja:

[...] nenhuma causalidade de caráter empírico pode determinar a nossa vontade: é a isenção (negação) de toda causalidade física ou natural. Nesse tipo de causalidade necessária, Kant inclui tudo aquilo que de qualquer maneira

$\xi\sim^3$ significa a disposição (ZINGANO, 2008, p.2)

possa incidir sobre a nossa vontade: hereditariedade, educação, cultura, leis positivas, crenças religiosas, realidade social, todo tipo de condicionamento sociológico e psicológico, coação interna e externa, sanção, recompensa, etc. Assim, todo tipo de determinismo é definitivamente banido: o homem é realmente livre! Tudo o que ele fizer ou deixar de fazer deve lhe ser exclusivamente atribuído como único responsável (PECORARI, 2010, pp. 50-51).

Segundo Pecorari (2010), o exemplo da causalidade livre do caráter inteligível é a lei moral, a qual se evidencia na experiência interna:

[...] ela (a moral) se impõe de forma absoluta e incondicionada: é o imperativo categórico do dever, que independe totalmente de qualquer condição subjetiva ou empírica. Portanto, essa causalidade incondicionada realiza o conceito transcendental de liberdade e aponta para aquilo que positivamente pode determinar a vontade: é o dever! (PECORARI, 2010, p. 50).

A moral se materializa no fato, de modo imperativo e ao incorporar-se à pessoa, faz com que ela se autodetermine por si mesma e busque a realização seguindo a lei moral. Trata-se de uma liberdade que impõe uma obrigação, dever ou lei incondicionada.

Segundo a doutrina deontológica de Kant (2007), a pessoa racional ao estar sujeita a uma lei moral interna, esta corresponde ao seu imperativo categórico. Ele independente de qualquer coerção ou recompensa, a ação é tomada simplesmente porque se acredita ser bom e que deve ser. A ação que corresponde a um imperativo categórico deve ser universal, ou seja, poder ser aplicada a qualquer caso sem nunca prejudicar alguém (KANT, 2007).

A moral na medida que é internalizada como um imperativo categórico, passa a representar um dever ser, permitindo um uso moral da razão. A causalidade por liberdade, independente da experiência e da sensibilidade, fundamenta esse uso moral da razão, mediante o entendimento de que certo modo de agir é uma obrigação. Contudo Kant (2007) somente concebe esse uso moral da razão “mediante o pressuposto de uma liberdade em sentido prático” (PERIN e MORAES, 2001, p. 29).

Desse modo o homem pode representar-se como livre no mundo inteligível. “Esta representação, embora não concebida do ponto de vista teórico, como conhecimento, pode ser admitida na medida que o homem é ele próprio, por um fator de determinação exclusivamente racional, consciente de sua liberdade” (PERIN e MORAES, 2001, p. 33).

Através dos fenômenos só podemos ter acesso ao caráter empírico, ou seja, ao modo de sentir. O caráter inteligível não pode ser conhecido. Embora seja a causa da razão, é tão somente uma faculdade. A razão pode dar início a uma série empírica de

efeitos, que será empiricamente incondicionada, desde que não esteja preliminarmente submetida a qualquer condição sensível (KANT, 2001).

O arbítrio nunca é determinado pois a razão não é um fenômeno, não se submete ao tempo e as leis da natureza. O sentir não torna necessária a ação do homem pois é capaz de determinar-se. Para o caráter inteligível não vale o antes ou depois, “e toda ação [...] é o efeito imediato do carácter inteligível da razão pura” (KANT, 2001, p. 487).

Pode-se concluir que o fato de ter praticado uma ação reprovável no tempo não prediz o futuro do sujeito, ou seja, se continuará a praticar atos semelhantes ou não, pois a ação é atribuída ao caráter inteligível.

O juízo de imputação que se faz nada tem a ver com a razão, que não é afetada pela sensibilidade e “não se modifica [...] nela nenhum estado anterior determina o seguinte [...]”. Qual o motivo que faz um certo carácter inteligível dar em certos fenômenos empíricos? A resposta “ultrapassa a faculdade da nossa razão e mesmo todo o direito que ela possui de formular perguntas. Era como se indagássemos porque é que o objeto transcendental da nossa intuição sensível exterior só dá precisamente uma intuição no espaço e não qualquer outra” (KANT, 2001, pp. 488-489).

O caráter inteligível é a causa dos fenômenos. Ele não pode ser conhecido. É incognoscível, independente da realidade humana. Não se submete ao tempo e as leis da natureza. Contudo, em razão do homem poder-se representar como livre no mundo inteligível, por ser dotado da faculdade de fazer escolhas racionais, tem liberdade para dar leis a si mesmo, ou seja, imperativos categóricos, desde que em acordo com a lei universal da necessidade universal da natureza. Contudo o arbítrio não é determinado pois a causalidade é livre. Mesmo que o dever proclame a obrigação moral, o homem se representa livre também no mundo inteligível.

A seguir será exposto sobre o caráter sob o viés da psicologia sob a perspectiva das três escolas conhecidas como as primeiras forças em psicologia científica: a psicanálise, o behaviorismo e a psicologia humanista.

2.6 O CARÁTER NA PERSPECTIVA DA PSICOLOGIA

As ciências psicológicas costumam falar em personalidade em vez de caráter. Esse fato pode ser melhor compreendido ao recordar que as teorias da personalidade tiveram origem na clínica. Dessa forma o emprego do termo personalidade é mais neutro ao se referir a uma pessoa obsessiva ou paranoica. Isso ocorre pontualmente ao se denominar

os vícios, mas com as virtudes não é assim. Até porque ninguém procura terapia em razão da sua coragem ou generosidade (TAILLE, 2000).

Baumgarten (1954, p. 55) afirma que o caráter possui uma característica não encontrada em nenhuma outra “aptidão psíquica: a de fingir. De tal sorte que é impossível dissimular falta de memória, falta de talento oratório, falta de fantasia, inaptidão para um raciocínio lógico ou para aquisição de línguas estrangeiras, etc”. Entretanto, com facilidade é possível dissimular honestidade, espírito de dedicação, lealdade. Geralmente, subjazem ao disfarce, interesses contrários ao do próximo, podendo estar relacionados ao egoísmo, orgulho ou vaidade.

Para ingressar na corporação como cadete da EsFO, um longo caminho foi percorrido ao se submeter a uma série de exames de aptidão com o objetivo de julgar sua capacidade de exercer o trabalho policial. A caracterização deste trabalho irá impor, ao longo da carreira, que pode chegar até trinta e cinco anos de serviço, a submissão as influências sociais do meio profissional, o que pode ensejar em mudança de comportamento. Nesse contexto os exames de aptidão possuem uma importância fundamental em face da amplitude das capacidades exigidas para o oficialato (TAILLE, 2000).

Como vimos, não existe uma definição de caráter universal. O caráter é frequentemente associado a personalidade, tipo, a valores morais, comportamento social, etc. Na psicologia cada abordagem possui como objeto de estudo um certo fenômeno psicológico sobre o qual se debruça, podendo ser o inconsciente, a percepção, o comportamento, etc.

O caráter na psicologia geralmente encontra lugar junto ao estudo da personalidade. Preliminarmente, antes de adentrar a algumas das construções teóricas da psicologia para explorar sua concepção de caráter, será brevemente explanado sobre a origem da psicologia.

A psicologia surgiu como ciência independente no final do século XIX, na Alemanha e foi em grande parte obra de Wilhelm Wundt. Na época a preocupação era em estudar a natureza humana, não havendo espaço para um tópico tão complexo como a personalidade (SCHULTZ, 2015).

Somente no final da década de 1930 o estudo da personalidade foi formalizado e sistematizado na psicologia norte-americana, principalmente com o trabalho de Gordon Allport, da Universidade de Harvard. O livro de Allport, *Personality: A Psychological Interpretation*, é considerado o marco do início formal do estudo da personalidade [...] (SCHULTZ, 2015, p. 22).

Gordon desenvolveu abordagens surpreendentes sobre os traços da personalidade, enfoques que desde então passaram a dominar essa área, cujo interesse científico foi retomado recentemente. (FRIEDMAN *et al*, 2003).

Chama a atenção a diversidade de perspectivas teóricas existentes em psicologia da personalidade. Contudo, a psicologia, diferente da física, por exemplo, cujo avanço permitiu o estabelecimento de um paradigma teórico como a teoria da relatividade, não tem uma estrutura onisciente firmada. De modo que as diferentes abordagens da teoria da personalidade, mesmo que concorrentes, devem ser investigadas, pois podem ser melhores aplicadas a certos domínios (FRIEDMAN *et al*, 2003).

Dentre as principais abordagens para o estudo da personalidade, este estudo tentará apresentar um panorama da visão de caráter na perspectiva da psicanálise freudiana, que se baseia nas ciências naturais, do behaviorismo e da psicologia humanista.

2.6.1 O Caráter como Eu para a psicanálise freudiana

Na década de 1890, Freud começou a desenvolver suas teorias psicosssexuais sobre a psique humana. A teoria freudiana concentrada no estudo do inconsciente influencia até os dias de hoje as pesquisas em andamento. Embora não conceitue precisamente o caráter, Freud afirmou que o termo “é atribuível inteiramente ao eu” (FREUD, 1933).

Para a psicanálise a personalidade comporta a seguinte estrutura “um eu, um supereu e um isso” (BERNARDES, 2005, p. 42). O caráter é criado a partir de três evidências: principalmente a partir da internalização da lei na instância parental; da identificação com os progenitores ou com pessoas influentes posteriormente, inclusive objetos abandonados; e por meio dos recalcamientos, afastando para o inconsciente a ideia, afeto ou pulsão (BERNARDES, 2005).

A personalidade se desenvolve em estágios psicossociais: em cada um há uma fixação a uma região do corpo na qual ocorre um conflito que precisa ser superado para que se possa avançar para o próximo estágio. Todos os comportamentos gerados são defensivos, mas cada pessoa vai lidar com o conflito de forma própria, ou seja, usar as defesas que lhe couber. Essa diferença decorre da experiência que é única para cada um. “Nós criamos um conjunto pessoal de atributos de caráter, um padrão consistente de comportamento que define cada um de nós como indivíduo” (SCHULTZ, 2015, pp. 66-73).

O caráter dependerá muito das interações com os pais na infância pois é influenciado pelo modo como os pais atenderão as demandas dos instintos e da libido em

relação a necessidade de educar e estabelecer a moralidade. Ele se estabelecerá a partir da divisão do sujeito em duas instâncias:

[...] Uma, o eu, liga-se à consciência e à vida de vigília decidindo sobre o agir no mundo, através da intencionalidade consciente. É também uma instância moral, que exerce o julgamento crítico; além disso, visa à coerência, à síntese e à unidade. A outra, uma instância demoníaca, de natureza sexual, é rechaçada pelo eu e relegada ao inconsciente. A contraposição entre estas diferentes instâncias, cada qual lutando por ser a prevalente, marca no sujeito uma discordância fundamental (BERNARDES, 2005, p. 56).

Ao fim da infância é esperado que os conflitos sejam superados e seja despertada a moralidade. Contudo isso nem sempre ocorre, podendo-se surgir caracteres do tipo: perverso, histérico ou obsessivo. Não será tratado aqui pormenorizadamente sobre cada um dos caracteres. Segue apenas uma observação quanto ao caráter perverso, por frequentemente ser apontado como o “mau caráter”. Na realidade é um julgamento moral pois o termo ter caráter frequentemente é associado ao caráter bom (BERNARDES, 2005).

Em relação ao livre-arbítrio Freud defendia um ponto de vista determinista, cuja liberação seria possível através da psicanálise. “Praticamente tudo o que fazemos, pensamos e sonhamos é predeterminado pelos instintos de vida e de morte, as forças inacessíveis e invisíveis dentro de nós” (SCHULTZ, 2015, p. 80). Fazer psicanálise proporcionaria obter um livre-arbítrio maior e um maior senso de responsabilidade pelas escolhas. Conhecer os conteúdos inconscientes permitiria controlar melhor a própria vida.

Em análises sobre casos de histeria, por exemplo o relato da “jovem mãe, que não pode ser defrontar com a sua recusa em amamentar seu bebe, vomita e deixa de comer” (BERNARDES, 2005, p. 46). Aqui a doença da mãe a exime de responder pelo seu caráter reprovável. Freud associa o caráter ao sintoma, ou seja, o caráter expressa a marca mnêmica de experiência infantil inconsciente e, ainda “entende o sintoma como um modo de conduta, aproximando-o, portanto, do caráter” (BERNARDES, 2005, p. 46).

Os sonhos também são manifestações do inconsciente e Freud afirma que possuem um sentido que pode ser desvelado a partir da interpretação. Mas o sonho sofre uma censura na sua formação, cujo resultado torna ininteligível o sentido que quis ocultar acarretando uma deformação onírica (GARCIA-ROZA, 2009).

Essa deformação ao ser desvelada pode até mesmo revelar conteúdos delinquentes em sonhos aparentemente de fachadas inocentes. Nesse sentido a questão que se coloca se é possível conhecer o verdadeiro caráter ou se o que nos é revelado é apenas uma

fachada. “Freud desestabiliza a definição comumente aceita do caráter como aquilo que é autêntico e próprio ao indivíduo” (BERNARDES, 2005, p. 50). Pode-se concluir que o eu é tão somente essa fachada que oculta o que realmente governa: o inconsciente.

A teoria freudiana sofreu muitas críticas, entre elas podemos citar:

[...] a noção de personalidade designaria uma substancialidade estruturada de modo relativamente fixo a partir de relações causais que [...] garantiria a existência de procedimentos de análise e classificação, tais como [...] as noções de análise, de atos falhos, aparelho psíquico, inconsciente e recalque, entre outras (BRAGAL *et al*, 2019, p.3).

Segundo Bragal por esses motivos, sendo vista com ressalvas por parte da comunidade científica.

Outras críticas dizem respeito a ênfase demasiada as experiências da infância; o desinteresse pelas relações interpessoais e adaptações ao longo da vida. Atualmente alguns teóricos acreditam que a experiência tenha peso maior sobre o caráter e que o livre-arbítrio seja muito superior ao que Freud afirmava (FRIEDMAN *et al*, 2003).

Agora passaremos a exposição da abordagem behaviorista de modo sucinto, priorizando em seguida a teoria do behaviorismo radical de Skinner.

2.6.2 O Behaviorismo radical

Behaviorismo é o estudo do comportamento, de forma pura, sem se ater as questões mentais que possam determinar a sua origem ou indicar a existência ou influência de alguma estrutura interna.

A abordagem teve origem com John B. Watson que em 1914 escreveu o livro Behavior (comportamento). B. F. Skinner (1904-1990) foi o criador do behaviorismo radical, para ele todo comportamento tem uma causa e “o ambiente controla o comportamento: os eventos ambientais – principalmente as consequências do comportamento, [...] empenhou-se em explicar o comportamento sem alusões a fisiologia ou aos constructos internos da personalidade” (FRIEDMAN *et al*, 2003, pp. 204-205).

O behaviorismo radical considera os eventos privados como tendo origem no próprio corpo e não um mundo não físico. Para ele a causa do comportamento está sempre na história genética e ambiental (MATOS, 1995).

Para Skinner (1970) não há sentido em se falar em personalidade. Ele nega a existência de traços, auto-realização e pulsões, nem tampouco estruturas físicas da personalidade. Mas atribui a personalidade os comportamentos operantes, ou seja,

aqueles que são recompensados pelo ambiente e por isso mais tendentes a repetir-se. De modo geral as pessoas são condicionadas pelas contingências do ambiente (FRIEDMAN et al, 2003).

Skinner (1970) advoga o uso do reforço positivo para modificar o comportamento, pois o reforço negativo poderia não funcionar e até mesmo resultar em consequências não esperadas. “Para ele as pessoas são produto da aprendizagem” (SCHULTZ, 2015, p. 339). Atribui importância as experiências infantis, mais do que as atuais, já que os comportamentos básicos são formados na infância. Contudo para ele o comportamento pode ser modificado em qualquer fase da vida. Desse modo cada pessoa é única por possuir experiências diferentes que moldam o comportamento. Com relação ao determinismo e livre arbítrio, ainda que afirme que as pessoas funcionem como máquinas de acordo com normas predeterminadas, está ao nosso alcance mudar o mundo a nossa volta para que elicie o tipo de comportamento que desejamos (SKINNER, 1970).

Destarte, conclui-se que para o behaviorismo o eu se fundamenta na noção de condicionamento, que é um processo universal, passível de ser testado e reproduzido. Entre as críticas ao behaviorismo radical pode-se citar: focar somente no comportamento observável e desconsiderar o livre-arbítrio consciente, uma incrível capacidade humana; estender predições de comportamento baseado em experimentos com animais a seres humanos (SCHULTZ, 2015).

No próximo item será abordado o contexto do início da psicologia humanista a qual fundamentou-se também na fenomenologia que introduz a noção de *Dasein*⁴.

2.6.3 O Caráter para a psicologia humanista

No contexto pós-guerra (1930-1960) e Renascimento, o homem passa a ser colocado no centro dos acontecimentos e a assumir um papel proativo – abandonando as crenças de que tudo é determinado por causas divinas – passando a atuar para resolver os problemas que a vida lhe apresenta, buscando ser alguém e vencer na vida: “o sonho americano”. É nesse cenário que surge a psicologia humanista, considerada a terceira

⁴ *Dasein*. Alemão: existência, ser-aí. Termo heideggeriano que significa realidade humana, ente humano, a quem somente o ser pode abrir-se. Mas como é ambíguo, correndo o risco de abrir uma brecha para o humanismo, Heidegger prefere usar o termo ser-aí. Na linguagem corrente, *Dasein* quer dizer existência humana. Mas Heidegger procura pensar o que separa o homem dos outros entes. Enquanto os entes são fechados em seu universo circundante, o homem é, graças à linguagem, aí onde vem o ser. Assim, o *Dasein* é o ser do existente humano enquanto existência singular e concreta: “A essência do ser-aí (*Dasein*) reside em sua existência (*Existenz*), isto é, no fato de ultrapassar, de transcender, de ser originariamente ser-no-mundo” (JAPIASSÚ e MARCONDES, 2008, n/p.)

força em psicologia, busca possibilitar uma transformação interna, que dependa da pessoa em constituir-se como eu. As bases teóricas foram firmadas por Abraham Maslow (1908-1970) e Carl Rogers (1902-1987) a partir do pensamento de Henri-Louis Bergson (1859-1941) (ROSA, 2002).

Segundo Bergson (2005) a realidade é maior do que se apresenta aos sentidos e compreende um movimento conduzido pelo impulso vital (“elan vital”) ou impulso original da vida, que age sobre a matéria que é bruta, dando-lhe vida, indeterminação e liberdade. Portanto, vida e matéria são inseparáveis. As formas de agir sobre a matéria são através da inteligência e do instinto. Este é orientado pela inconsciência e aquela pela consciência. A intuição é o principal método da metafísica. (ROSA, 2002, p. 242).

Cumprir também a Fenomenologia de Husserl (1859-1938), seu criador, a qual constitui-se de base epistemológica das Psicologia Humanistas. Segundo ela todo o conhecimento é limitado ao sujeito e suas significações (ROSA, 2002).

Para Husserl não há nada que torne a consciência fixa, ela mesma consiste no ato de dirigir-se as coisas, o que se denomina como *Noesis*. *Noesis*, por sua vez, origina o eu na intencionalidade, ao mesmo tempo que é dinâmica e correlacionada aos fatos vivenciados (BRAGAL *et al*, 2019).

O eu consiste então em um fluxo que sempre reatualiza a temporalidade em uma síntese de vivências: memórias e lembranças, observações e percepções, expectativas e projetos. Tais vivências não são simplesmente de ordem subjetiva, mas concretizam a correlação entre o eu e os objetos, entre situações, fatos... (BRAGAL *et al*, 2019, p. 3).

Husserl amplia o conceito do Eu ao afirmar que pode ser concebido como um polo vazio no qual se unifica a vida da consciência, cada Eu se torna individual ao se constituir a si mesmo através dos seus atos que se consolidam nele em hábitos, crenças e modos de agir permanentes (KORELC, 2013).

O Eu é também aquele que permanece idêntico em todo fluxo de vivências, como um substrato de habitualidades. Quando mudo os meus atos, as decisões tomadas ou convicções, eu próprio me transformo, diz Husserl. Na vontade que perdura no Eu e nas suas transformações, o eu conserva um estilo próprio, constante, um caráter pessoal (KORELC, 2013, p.1).

A partir da fenomenologia existencial de Heidegger (2006) há uma nova concepção da condição humana, com a noção de *Dasein*, que significa ser-aí, estar aí para ir ao encontro do mundo. O ser-no-mundo está aí sem qualquer separação com o mundo, sem qualquer determinação, livre para vivenciar experiências únicas. Não há causalidade

para além do próprio homem. “O *Dasein* é desprovido de sentido prévio de seu ser, o ente que nos mesmos somos necessita de projeção constante de um campo de sentido que, jamais possibilita estabilidade total do sentido e das ações humanas” (KORELC, 2013, p. 2).

Ou seja, o *Dasein* possui uma negatividade e necessita receber um sentido. Nesse contexto nasce através da fenomenologia, uma visão da personalidade que não pode ser considerada como uma substancialidade rigidamente sedimentada, consistindo em uma "totalidade em movimento". Mesmo tendo um caráter de abertura, incompletude e mutabilidade, a personalidade ainda comporta significações sedimentadas: fatores biológicos, e memória das experiências vivenciadas, pois está inserida em um tempo, lugar, cultura e linguagem. Porém estas significações não aprisionam pois, o *Dasein*, que é essencialmente relacional, se reinventa o tempo todo a partir das experiências, não há, portanto, finitude de possibilidades dos modos de ser mas tão somente a tarefa de ser autêntico em um mundo em constante mudança (KORELC, 2013).

Vimos até aqui três abordagens da psicologia em uma breve exposição com alguns apontamentos teóricos que mencionam o caráter e suas implicações sobre os fenômenos psicológicos objeto de cada teoria. Agora tentaremos localizar, a partir de toda exposição teórica empreendida, uma resposta ou ponto de vista para a interrogação colocada a seguir.

3 METODOLOGIA

O presente artigo é uma pesquisa original com coleta de dados em trabalhos científicos localizados através da rede mundial de computadores e livros. Trata-se de uma pesquisa de enfoque qualitativo, com estudo descritivo. Realizada a pesquisa bibliográfica por intermédio de revisão sistemática com a consulta dos seguintes autores Aristóteles, Immanuel Kant, Sigmund Freud, John B. Watson, Edmund, Burrhus Frederic Skinner, Henri-Louis Bergson, Edmund Husserl e Martin Heidegger. A partir da pesquisa realizada na temática proposta às bases teóricas de cada autor, foi realizada a confrontação entre as conclusões e os objetivos propostos. Dessa forma, foi possível testar a hipótese levantada sob as perspectivas selecionadas. (PEROVANO, 2016)

4 ANALISE E DISCUSSÃO: O CARÁTER É PASSÍVEL DE SER FORJADO?

Conforme enfatizado no início deste trabalho, o slogan da EsFO se constitui em uma frase de impacto, cuja intenção é despertar no cadete uma reflexão sobre suas

motivações e objetivos, ao pensar-se como incluído na perspectiva de formação, com a possibilidade de sujeitar-se a preparação do seu caráter para a carreira militar.

Diante do objetivo estabelecido em clarificar o significado do slogan, vislumbrou-se a possibilidade de aplicação de um método dedutivo a partir da investigação do significado dos principais termos usados. Foram encontrados no dicionário alguns significados de caráter e, sabendo-se da sua importância no contexto, procurou-se de antemão a sua origem na própria ciência do conhecimento, a filosofia. As comparações das ideias filosóficas às possibilidades práticas que serão apresentadas justificam-se pois, segundo Sennett (2015, p. 21) “uma ideia precisa suportar o peso da experiência concreta, senão se torna mera abstração”.

A seguir empreendeu-se buscar na psicologia o significado de caráter enquanto manifestação através dos fenômenos psicológicos estudados, não para buscar um possível tratamento terapêutico a ser aplicado com o suposto intuito de forjar o caráter, mas para tentar localizar nas bases da fundamentação teórica de cada abordagem, como o caráter é concebido e se é passível de mudança.

Nesse contexto será apresentada a conclusão a partir da revisão bibliográfica empreendida e que pode vir a respaldar uma tentativa de resposta à pergunta tema desta seção.

O ponto principal da pesquisa foi a investigação sobre o caráter, uma vez que o conceito de forja restou bem esclarecido com o significado encontrado no dicionário, no sentido de estar em preparação. O local indicado pelo slogan com o advérbio aqui: “Aqui se forja o caráter do miliciano” é o prédio da EsFO. Miliciano designa o policial militar. Conforme explanado no item 2.3 em uma breve análise gramatical, o sentido do slogan é que o caráter do miliciano é forjado na EsFO.

Inicia-se pela perspectiva aristotélica, segundo a qual restou clara a valoração do hábito pois consolida o caráter, ou seja, quando o hábito de praticar ações virtuosas se prolonga no tempo, acaba por consolidar um caráter correspondente. Embora consolidado e dotado de fixidez, o caráter não é incontornável, mas através de um processo custoso, rígido e moroso pode ser modificado, conforme é possível extrair das analogias existentes em *Ética a Nicômaco* (ARISTÓTELES, 1991) explanadas no item 2.4. Merece ser destacado que a rigidez da palavra forja, usada no slogan da EsFO, orna o slogan, na medida que se harmoniza com a fixidez do caráter conforme apregoa Aristóteles. Restou esclarecido que o caráter é passível de ser modificado pelo hábito, contudo o método,

tempo e os meios não estão determinados, bem como jamais se exclui a prerrogativa de livre arbítrio.

Na visão do filósofo Kant (2007) o homem possui livre arbítrio para determinar-se. Através da liberdade prática, ao homem é possível dar leis a si mesmo, através do imperativo categórico. Entretanto, mesmo que o dever proclame a obrigação moral, o homem se representa livre também no mundo inteligível. Desse modo é possível raciocinar a forja do caráter na seguinte perspectiva: a afirmação do slogan se refere a intenção de procurar influenciar a liberdade prática, ou seja, a possibilidade de dar leis a si mesmo. Nesse caso deve-se atentar para a necessidade de harmonização com a lei universal da necessidade universal da natureza para poder tornar-se um imperativo categórico, bem como do caráter formal e não substancial do imperativo categórico. Pode-se afirmar que essa explicação vai de encontro a realidade na medida em que ocorrem alguns casos de desvios de conduta. O que reforça a questão do livre arbítrio e da racionalidade do homem, dotado de duplo caráter: empírico e inteligível.

A contribuição da psicologia para o presente será exposta de acordo com a fundamentação de cada abordagem estudada.

O legado da psicanálise freudiana foi identificar as causas inconscientes do comportamento, cuja motivação tem origem nos impulsos do id. Freud (1933) associa o caráter ao eu, afirmando que ele é determinado nos primeiros anos de vida. Ao final dos estágios psicossociais do desenvolvimento da personalidade o caráter estaria estabelecido. Somente através da psicanálise seria possível alcançar um livre arbítrio maior, ser capaz de responsabilizar-se pelas próprias decisões e controlar melhor a própria vida. Ou seja, há o determinismo do caráter pelo inconsciente. Nesse contexto entende-se que a forja do caráter restaria prejudicada uma vez que o caráter permanece inacessível no inconsciente e não é passível de mudanças, salvo através da psicanálise.

O behaviorismo por sua vez, é uma abordagem centrada no estudo do comportamento. Para Skinner (1970) o ambiente controla o comportamento, que se repete por ter sido recompensado pelo ambiente. O comportamento pode ser modificado em qualquer fase da vida. Propõe-se que as mudanças de comportamento são possíveis de fora para dentro, ou seja, que ao modificar o ambiente pode-se eliciar o comportamento desejado. Nesse contexto não há sentido em falar de personalidade e conseqüentemente de caráter.

Última abordagem estudada, a psicologia humanista se fundamenta sob a concepção de um Eu em constante atualização, o qual se dirige as coisas com

intencionalidade. Ao mesmo tempo comporta hábitos que se transformam pelas experiências, ainda que guardem um caráter pessoal permanente. A partir da introdução do conceito de *Dasein* se abre uma nova visão, de ser-aí, em contato direto com o mundo e com liberdade para experienciar. Este ser-no-mundo carece de um sentido (HEIDEGGER, 2006). Nele não há rigidez, mas tão somente algumas significações sedimentadas, que não o impedem de reinventar-se constantemente, guardando tão somente o compromisso de ser ele mesmo. Podemos supor que a psicologia humanista, pela visão dinâmica de caráter, comporta a possibilidade de sujeição a experiência da forja de caráter, desde que de forma intencional. Podendo ser um modo de procurar um sentido, que pode ou não ser encontrado na experiência. Contudo mesmo que seja encontrado este sentido, ainda assim, persiste a liberdade de poder reinventar-se. Há liberdade para prosseguir na vida militar intencionalmente e recepcionar a experiência de projeção da forja de caráter ou para abandoná-la, se for o seu desejo. A única tarefa é ser sempre ele mesmo.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para a compreensão do objeto estudado, condizente com o tema de pesquisa referente ao significado do slogan da EsFO, procurou-se, preliminarmente, situar o contexto no qual o slogan foi criado, o atual estado da arte, sendo apresentado o problema e a hipótese que balizou os objetivos da pesquisa.

A partir da fundamentação teórica empreendida foi possível clarificar o sentido do slogan, conforme objetivo geral e investigar como ocorre a formação do caráter e como pode ser forjado. O sentido do slogan é que caráter do miliciano é forjado na EsFO. Na perspectiva da filosofia, em Aristóteles (1991) o caráter é passível de ser modificado pelo hábito, embora possua fixidez, é contornável, sendo necessário um esforço que vai bem além do mero desejo do indivíduo. Em Kant (2007) o caráter é duplo, porém o caráter inteligível é a causa dos fenômenos e o homem é livre também no mundo inteligível. Dessa forma, pode haver influencia através da liberdade prática, ou seja, a possibilidade de dar leis a si mesmo por meio do imperativo categórico (a moral) na forma do dever. Salienta-se que sempre haverá o livre arbítrio e a condição do imperativo categórico em harmonizar-se com a lei universal da necessidade universal da natureza.

A partir das abordagens da psicologia escolhidas, cujos fundamentos foram consultados, pode-se concluir que: a psicanálise de Freud (1933) afirma a inacessibilidade do caráter por vias convencionais, uma vez que está restrito ao inconsciente. Dessa forma,

qualquer mudança somente seria possível por meio da própria psicanálise. O behaviorismo radical de Skinner (1970) não reconhece a existência da personalidade e conseqüentemente do caráter, uma vez que é o ambiente que controla o comportamento. Para a psicologia humanista o Eu está em constante atualização, ainda que guarde algumas significações sedimentadas, tem tão somente o compromisso de ser ele mesmo. Heidegger (2006) introduz o *Dasein*, a noção de ser-aí, lançado no mundo e carente de sentido, o que nos permite pensar a possibilidade de sujeição a experiência da forja de caráter, desde que de forma intencional, de modo a pode vir a encontrar um sentido na vida militar ou abandoná-la, se esse for o desejo pois, não prescinde de ser sempre ele mesmo.

Sobre a hipótese de pesquisa conclui-se que pode ser verdadeira, desde que haja vontade e intencionalidade por parte do cadete. Com relação ao posicionamento filosófico apontado, tanto a fixidez do caráter em Aristóteles, quanto a teoria kantiana da possibilidade de dar leis a si mesmo através da liberdade prática, incidindo sobre o dever, não excluem o livre-arbítrio.

No viés da abordagem psicanalítica de Freud (1933) o caráter possivelmente não seria afetado durante o período de formação, a menos que o cadete fizesse psicanálise. Na visão behaviorista, conforme exposto, não se reconhece a existência da personalidade e conseqüentemente do caráter. Para a psicologia humanista a hipótese faria sentido se pensarmos que o cadete, ao vivenciar as experiências no contexto de formação, e quanto mais próximas a realidade forem, mais podem auxiliar na tomada de decisão. Caso encontre o sentido de que é faltante (o *Dasein* é desprovido de sentido prévio de seu ser) na vida militar, possivelmente irá se submeter a essa preparação para o exercício da função, de forma intencional. Caso não encontre poderá abandonar a carreira militar. A abordagem humanista enfatiza a dinamicidade da personalidade, que o ser humano está em constante mudança. São vários os fatores que se imbricam e influenciam o indivíduo na medida em que se sobressai na vida e forja seu caráter (FRIEDMAN et al, 2003).

Se a frase for colocada conforme parágrafo anterior, tendo o indivíduo como autor da forja do seu caráter, abrem-se novas formas de pensar, uma vez que ao longo do texto a intencionalidade e o livre arbítrio foram destacadas em algumas das teorias estudadas. Dessa forma, entende-se que o tema não se esgota nesse artigo, mas tão somente é lançado um olhar sobre um fato (a existência de um slogan) cujo significado antes desconhecido (formalmente) agora pode ser apreciado a partir do olhar desse trabalho.

Por fim, sugere-se a realização de estudos sobre a personalidade e caráter, na forma de estudos longitudinais realizados ao longo do tempo, para acompanhamento do desenvolvimento da personalidade a partir do ingresso nas escolas de formação, com acompanhamento ao longo da carreira por tempo determinado, a fim de identificar as mudanças e adaptações que ocorrem ao longo da vida.

REFERÊNCIAS

- AMBROSINI, T. F. **Disposições de caráter e escolha deliberada: determinismo e liberdade na Ética a Nicômaco**. 2020. Disponível em https://www.academia.edu/download/62339873/DISPOSICOES_DE_CARATER_E_ESCOLHA_DELIBERADA_-20200311-80051-owspt4.pdf. Acesso em 10/02/2023.
- ARISTÓTELES. **Ética a Nicômaco; Poética**. Seleção de textos de José Américo Motta Pessanha. 4. ed. São Paulo: Nova Cultural, 1991. (Os pensadores, v. 2).
- AZEVEDO, R. de O. **Academia Policial Militar do Guatupê “berço de líderes”**. Associação da Vila Militar. Publicações Especiais. Volume I. s.d.
- BASTOS, C. L. **Manual do exame psíquico**. Rio de Janeiro: Revinter, 1997.
- BAUMGARTEN, F. **O caráter e a psicologia**. Traduzido de Le Travail Humain. V.6 n3 (1954). Disponível em <https://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/abpt/article/view/13473>. Acesso em 02/02/2023.
- BERGSON, H. **A Evolução Criadora**. São Paulo: Ed. Martins Fontes, 2005.
- BERNARDES, W. S. **A concepção freudiana do caráter**. Rio de Janeiro: UFRJ, 2005. Disponível em livros01.livrosgratis.com.br/cp023983.pdf. Acesso em 09/02/2023.
- BRAGAL, T. B. M.; FARINHA, M. G.; MOSQUEIRA, S. M. **Da personalidade ao Dasein: pensamento heideggeriano e práxis clínica**. *Psicol. pesq.* vol.13 no.2 Juiz de Fora maio/ago. 2019 Disponível em <http://dx.doi.org/10.34019/1982-1247.2019.v13.26130> Acesso em 05/02/2023.
- CARÁTER. FORJA. **Dicionário Priberam da Língua Portuguesa** [em linha], 2008-2021. Disponível em <https://dicionario.priberam.org/am%C3%Adgdalas>. Acesso em 24/02/2023.
- FREUD, S. **Angustia y vida pulsional** (1933[1932]). In. **Obras Completas**. v.22.
- GARCIA-ROZA, L. A.. **Freud e o inconsciente**. 24ª Edição. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2009.
- HEIDEGGER, M. **Ser e Tempo**. Petrópolis: Vozes; Bragança Paulista: São Francisco, 2006. (Originalmente publicado em 1927).
- HOBUSS, J. **A responsabilidade moral e a possibilidade de agir de outro modo**. *Veritas*, v. 57, n. 1, jan/abr. 2012, p 9-25. Disponível em <https://revistaseletronicas.pucrs.br/index.php/veritas/article/view/11223/7667>. Acesso em 03/02/2023.
- IASBECK, L. C. **A arte dos slogans as técnicas de construção das frases de efeito do texto publicitário**. São Paulo: Annablume: Brasília: Upis, 2002.

JAPIASSÚ, H.; MARCONDES, D. **Dicionário Básico de Filosofia**. 5.ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

KANT, I. **Crítica da razão pura**. Tradução do original alemão intitulado Kritik der Reinen Vernunft. 5ª edição. Edição da Fundação Calouste Gulbenkian Av. de Berna I Lisboa 2001.

KANT, I. **Fundamentação da metafísica dos costumes**. Tradução do título original Grundlegung zur Metaphysic der Sitten. Edições 70, LDA. Setembro de 2007.

KORELC, M. Pessoa e formação a partir de Husserl. **Anais** – Congresso de fenomenologia da região Centro-Oeste. 2013. Disponível em: files.cercomp.ufg.br Acesso em 20/02/2023.

MATOS, M. A. Behaviorismo metodológico e behaviorismo radical. In. **Psicoterapia comportamental e cognitiva: pesquisa, prática, aplicações e problemas**. Campinas, Editorial Psy, 1995.

MAZZAROTTO, L. F.; LEDO, T. de O.; CAMARGO, D. D.. **Nova redação gramática & literatura: aprenda a elaborar textos claros, objetivos e eficientes**. 2. ed. São Paulo: DCL, 2010.

MIRA Y LÓPES, E. **Manual de Psiquiatria**. Buenos Aires: Editorial El Ateneo, 1943.

PARANÁ. Polícia Militar do Estado do. **Revista Academia Policial do Guatupê**. São José dos Pinhais, Ed. Especial. n. 1, 2016.

PECORARI, F. O conceito da liberdade em Kant. **Revista Ética e Filosofia Política** – Nº 12 –Volume 1 – Abril de 2010. Disponível em _ Acesso em 14/02/2023.

PERIN, A.; MORAES, Solange de. A Teoria Kantiana da causalidade por liberdade na “Crítica da razão pura”. **Disciplinarum Scientia**. Série: Ciências Sociais e Humanas, Santa Maria, V.2, n.1, p.15-35, 2001. Disponível em <https://periodicos.ufrn.edu.br/index.php/disciplinarumCH/article/view/1583>. Acesso em 10 Fev. 2023.

PEROVANO. D. G. **Manual de metodologia da pesquisa científica**. Curitiba: Ed. Intersaberes, 2016.

REBOUL, O. **O slogan**. São Paulo, SP: CULTRIX, 1975.

ROSA, E. Z. Psicologia humanista: uma tentativa de sistematização da denominada terceira força em psicologia. In. **A diversidade da psicologia uma construção teórica**. São Paulo, Cortez, 2002.

SENNETT, R. **A corrosão do caráter consequências pessoais do trabalho do novo capitalismo**. Rio de Janeiro: Record, 2015.

SIQUEIRA, J. R. Ética a nicômaco: um caráter estabelecido é passível de mudança? n. 13 (2004): **Ser e Conhecer**. Disponível em <https://hypnos.org.br/index.php/hypnos/issue/view/32> Acesso em 09/02/2023.

SKINNER, B. F. **Ciência e Comportamento Humano**. Brasília: Ed. UnB/ FUNBEC, (1953), 1970.

TAILLE, Y. de La. Para um estudo psicológico das virtudes morais. **Ética e Educação. Educ. Pesqui.** 26 (2). Dez 2000. Disponível em <https://doi.org/10.1590/S1517-97022000000200008>. Acesso em 20/02/2023.

ZINGANO, M.. Ethica Nicomachea I 13 – III 8. **Tratado da Virtude Moral**. São Paulo: